

PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I ACERCA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO COTIDIANO ESCOLAR

PERCEPTION OF ELEMENTARY SCHOOL TEACHERS OF DIGITAL TECHNOLOGIES IN SCHOOLS
DAILY ROUTINE

PERCEPCIÓN DE PROFESORES DE LA ENSEÑANZA FUNDAMENTAL I ACERCA DE LAS TECNOLOGÍAS DIGITALES EN EL COTIDIANO ESCOLAR

Ademir Aparecido Pinhelli Mendes

Doutor em Educação - UFPR. Professor Titular do Programa de Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias - UNINTER, Professor de Filosofia no Ensino Médio no Colégio da Polícia Militar do Paraná.
E-mail: ademir.m@uninter.com.

Eliane Blaszkowski Champaoski

Mestranda em Educação e Novas Tecnologias - UNINTER. Pós-graduada em Educação Especial e Inclusiva - UNINTER. Pedagoga na Rede Municipal de Ensino de Curitiba. E-mail: lilikaj@hotmail.com

RESUMO

O artigo apresenta um estudo exploratório de um problema com o qual professores se deparam em sua prática profissional: a integração significativa das tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem, principalmente no que diz respeito aos processos cognitivos dos alunos. Isso nos remete a uma pergunta norteadora: como os professores percebem, se apropriam e se posicionam diante dessa inserção no cotidiano escolar? Tal problema levou à investigação do pressuposto que a percepção docente acerca das tecnologias e sua inserção no cotidiano escolar ocorre com a aproximação ou o distanciamento ao seu uso no processo de ensino e aprendizagem, considerando ainda o ritmo com que surgem as novidades e informações neste âmbito. O objetivo é compreender como professores do Ensino Fundamental I percebem a inserção das tecnologias digitais no cotidiano escolar. Por meio de pesquisa exploratória e metodologia qualitativa foi analisado o conteúdo dos dados de um questionário aberto, coletado por meio de mensagens enviadas e recebidas pelo aplicativo *WhatsApp* a professores do Ensino Fundamental I. O estudo está fundamentado em Prensky (2001), Bacich (2015), Coll e Monereo (2010), Coscarelli (2016), Cornu e White (2011), Demo (1989), Fava (2014), Fey (2011), Hagemeyer (2016), Horn e Staker (2015) e Triviños (1987). Os resultados da pesquisa, ainda preliminares, indicam que os docentes reconhecem as tecnologias como um fenômeno desafiador (GIL, 2008) aliado à organização e ao desenvolvimento do trabalho pedagógico no sentido de transformação e valorização do processo de ensino e aprendizagem e das práticas pedagógicas, mas reconhecem os limites

e as dificuldades no seu uso no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Tecnologías digitais. Formação de professores. Cotidiano escolar.

ABSTRACT

The following paper presents an exploratory study of a problem that teachers face in their professional practice: the significant integration of digital technologies in the teaching and learning process, especially when it comes to students' cognitive processes. This leads the authors to an important question: how do teachers perceive, use and take a stand before such insertion? This problem led to the investigation of the assumption that teachers' perception about technologies and their insertion in the school day-to-day occurs by accepting or refusing its use in the teaching and learning process, as well as how fast technology innovation and information arise. The objective is to understand how elementary school teachers perceive the insertion of digital technologies in school routine. By using an exploratory research and a qualitative methodology, the data of an open questionnaire was collected through messages sent and received through the WhatsApp application to elementary school teachers. The study is based on Prensky (2001), Bacich (2015) (2004), Coll and Monereo (2010), Coscarelli (2016), Cornu and White (2011), Demo (1989), Fava (2014), Fey (2011), Hagemeyer (2016), Horn and Staker 1987). The preliminary results of the research indicate that teachers recognize technologies as something (GIL, 2008) characteristic of the organization and development of pedagogical work, which are challenging regarding the transformation and valorization of the teaching and learning process and pedagogical practices, but they recognize the limits and obstacles in their use in everyday school life.

Keywords: Digital technologies; Teacher training; School day-to-day routine.

RESUMEN

El artículo presenta un estudio exploratorio de un problema con el que los profesores se enfrentan en su práctica profesional: la integración significativa de las tecnologías digitales en el proceso de enseñanza y aprendizaje, principalmente en lo que se refiere a los procesos cognitivos de los alumnos. Esto nos remite a una pregunta orientadora: ¿cómo perciben los profesores, se apropian y se posicionan ante esa inserción en el cotidiano escolar? Este problema llevó a la investigación del supuesto que la percepción docente acerca de las tecnologías y su inserción en el cotidiano escolar ocurre con aproximación o distanciamiento a su uso en el proceso de enseñanza y aprendizaje, considerando el ritmo con que surgen las novedades e informaciones en este ámbito. El objetivo es comprender cómo los profesores de la Enseñanza Fundamental I perciben la inserción de las tecnologías digitales en el cotidiano escolar. Por medio de investigación exploratoria y metodología cualitativa se analizó el contenido de los datos de un cuestionario abierto, recogido por medio de mensajes enviados y recibidos por la aplicación WhatsApp a profesores de la Enseñanza Fundamental I. El estudio está fundamentado en Prensky (2001), Bacich (2015) (2010), Coscarelli (2016), Cornu y White (2011), Demo (1989), Fava (2014), Fey (2011), Hagemeyer (2016), Horn y Staker (2015) y Triviños (2010) (1987). Los resultados de la investigación, aún preliminares, indican que los docentes reconocen las tecnologías como un fenómeno (GIL, 2008) aliado a la organización y al desarrollo del trabajo pedagógico, desafiantes en el sentido de transformación y valorización del proceso de enseñanza y aprendizaje y de las prácticas pedagógicas. Pero reconocen los límites y las dificultades en su uso en el cotidiano escolar.

Palabras clave: Tecnologías digitales. Formación de profesores. Cotidiano escolar.

INTRODUÇÃO

O artigo investiga um problema com o qual professores se deparam em sua prática profissional: a integração significativa das tecnologias da informação e comunicação no processo de ensino e aprendizagem. O que nos remete a um problema anterior: como eles percebem, se apropriam e se posicionam diante da inserção das tecnologias digitais no cotidiano escolar? A questão levou à investigação da hipótese de que a percepção docente acerca dessas tecnologias e sua inserção no cotidiano escolar ocorre de forma a resistir ao seu uso no processo de ensino e aprendizagem.

O objetivo é compreender como professores do Ensino Fundamental I percebem as tecnologias digitais no cotidiano escolar. Por meio de pesquisa exploratória (GIL, 2008), com metodologia de análise qualitativa (DEMO, 1989), foi realizada a análise do conteúdo dos dados de um questionário aberto, coletados por meio de mensagens enviadas e recebidas pelo aplicativo *WhatsApp* a professores do Ensino Fundamental I. O estudo está fundamentado em Prensky (2001), Bacich (2015), Coll e Monereo (2010), Coscarelli (2016), Cornu e White (2011), Demo (1989), Fava (2014), Fey (2011), Hagemeyer (2016), Horn e Staker (2015) e Triviños (1987).

Os resultados da pesquisa, ainda preliminares, indicam que os docentes percebem as tecnologias como um fenômeno (GIL, 2008) aliado à organização e ao desenvolvimento do trabalho pedagógico, sendo desafiadoras no sentido de transformação do processo de ensino e aprendizagem e suas práticas pedagógicas, mas reconhecem os limites e as dificuldades do seu uso no cotidiano escolar.

DESAFIO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

A tecnologia digital chega ao ambiente escolar como um convite envolvente e, também, desafiador para docentes e estudantes, crianças e adolescentes que frequentam o ensino fundamental. Uma geração que nasceu depois do surgimento dos dispositivos

móveis digitais, ou seja, já nasceram na era da Internet de alta velocidade e, portanto, tem “[...] uma intimidade em manuseio e interação com a tecnologia digital que lhes rodeia e realiza a mediação entre ele, indivíduo, e a sociedade em que ele vive” (FEY, 2011, p. 5).

Para Freire (1996), o professor é o agente da construção do processo pedagógico e mediador do conhecimento. Mas, no contexto das tecnologias digitais, ele vive a experiência singular de se encontrar em papel dúbio na aprendizagem, pois é mediador e também aprendiz digital, ou ainda, um imigrante digital (PRENSKY, 2011). Esta é a problemática na qual está inserido o desafio da atuação docente atualmente. Como ensinar as futuras gerações que, em certo sentido, possuem maior habilidade que seus professores no uso e acesso ao mundo digital?

Seria de fato o professor um imigrante digital e o aluno um nativo digital? O imigrante digital, segundo Prensky (2001), é aquele sujeito que nasceu quando a Internet ainda não era acessada de forma massificada pela população, como é atualmente. Por ter nascido e se formado sem o acesso às tecnologias digitais ligadas à Internet, o professor, como imigrante digital, enfrenta um duplo desafio. Ao mesmo tempo em que precisa aprender a usar e dominar as novas tecnologias, adaptando-se ao mundo digital, compreende-se como mediador do processo de ensino e aprendizagem dos seus alunos que já são nativos digitais (PRENSKI, 2001). Portanto, não se trata apenas de mediar o processo pedagógico, fazendo uso das tecnologias digitais, mas, principalmente, de trabalhar na formação da sua própria cultura digital.

Não seria ingênuo acreditar que os adolescentes e jovens são nativos digitais porque sabem operar as novas ferramentas tecnológicas digitais, melhor do que os seus professores? Não é pelo fato de um adolescente poder operar melhor os novos dispositivos móveis digitais que ele terá maior habilidade para utilizar a ferramenta para acessar informações e transformá-las em conhecimento a fim de resolver problemas, sejam eles da vida cotidiana ou da necessidade da produção de sua própria existência.

Cornu e White (2011) problematizam de forma diferente a caracterização utilizada por Prensky (2001) para nativos e migrantes digitais. Os autores propõem o deslocamento da compreensão do uso das tecnologias digitais centrada na metáfora de lugar e da ferramenta, classificando os usuários como “visitantes” e “residentes” digitais. Essa nova classificação concentra-se na compreensão do comportamento dos usuários por meio da

motivação e do contexto e não tomando a idade cronológica como referência. De acordo com os autores, o advento das mídias sociais na sociedade contemporânea corrobora o uso dos termos “Visitante” e “Residente” digital, já que nos possibilita entender o comportamento das pessoas analisando sua motivação e contexto no acesso às tecnologias digitais.

Nós propomos que nosso paradigma de Visitantes e Residentes não descreva apenas a experiência vivida e a prática do engajamento tecnológico de forma mais precisa do que os Nativos e Imigrantes da Prensky, mas é fundamentada em uma base mais segura. Nossa tipologia de Visitantes e Residentes se volta para a metáfora do lugar para fornecer um quadro analítico, mas a força de se afastar da linguagem e do acento e colocar a ênfase na motivação permite uma ampla variedade de práticas que abrangem todas as faixas etárias e não requerem Indivíduos a serem encaixotados, inexoravelmente, em uma categoria ou outra. Tanto o “lugar” como a “ferramenta” têm a capacidade de incorporar motivação. (CORNU; WHITE, 2011, s/p) (Tradução nossa).

Não se trata, portanto, de superestimar a habilidade dos alunos em acessar as novas tecnologias digitais e desqualificar a capacidade dos docentes em acessar e usar essas novas ferramentas, como se um grupo estivesse em grande vantagem em relação ao outro. Trata-se de pensar de forma colaborativa em como visitantes e residentes digitais podem, de acordo com o contexto e seu interesse, criar nova experiência pedagógica mediada por tecnologias.

Como ressaltam Coll e Monereo: “[...] a imagem de um professor transmissor de informação, protagonista central das trocas entre seus alunos e guardião do currículo começa a entrar em crise em um mundo conectado pelas telas de computador” (2010, p. 31). Portanto, é diante desse cenário que o professor passa a ser mediador e o aluno protagonista do seu processo de construção de conhecimentos.

Asseveram Coll e Monereo que: “[...] mediante o uso das novas tecnologias, há uma reorganização do próprio sistema cognitivo, da maneira como se pensa nessa cultura” (2010, p. 51). Esse é o tamanho do desafio enfrentado atualmente por professores do Ensino Fundamental I. Seria esse um fator gerador de insegurança e resistência à inserção

das tecnologias digitais no cotidiano escolar, já que se percebem professores formados no século XX formando estudantes do século XXI? E como valorizar tal percurso compreendendo que o professor continua sendo guia, tutor, orientador e mediador? (COLL; MONE-REO, 2010).

Fava (2014, p. 58) ressalta que é fundamental “legitimar o caminho e o potencial da tecnologia digital, valorizando a criatividade e as oportunidades que surgem no decorrer do processo ensino-aprendizagem”. Somente a formação docente para a apropriação e uso das novas tecnologias no cotidiano escolar pode mitigar a insegurança e romper as resistências dos docentes.

A formação dos professores acerca das tecnologias digitais compreende “reflexões individuais e compartilhadas sobre a própria prática, que requerem esforço, tempo e desejo para promover as necessárias mudanças nos processos de ensino e aprendizagem” (COSCARELLI, 2016, p. 28). A primeira mudança necessária só exige que se compreendam as percepções dos professores acerca da inserção das tecnologias digitais no processo de mediação do ensino e da aprendizagem dos estudantes.

Como afirma Bacich (2015, p. 50), “as tecnologias digitais modificam o ambiente no qual estão inseridas, transformando e criando relações entre os envolvidos no processo de aprendizagem: professor, estudantes e os conteúdos”. Então, os professores delineiam esse processo de aprendizagem como forma de potencializar a construção do conhecimento pelo aluno.

Horn e Staker (2015, p. 102) ampliam o olhar para que “as escolas tenham a predisposição de puxar e não empurrar possibilidades de melhoria que a internet proporciona aos processos de ensino e aprendizagem”. Assim, a escola possibilitaria ações e estratégias que valorizem os recursos tecnológicos, de forma a direcionar, orientar e atualizar o ensino e a aprendizagem, num constante movimento de busca do conhecimento.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesta pesquisa, entende-se que um estudo exploratório acerca da percepção de professores do Ensino Fundamental I sobre o fenômeno da inserção das tecnologias digitais no cotidiano escolar seria adequado a um primeiro momento da pesquisa, pois forne-

ceria dados empíricos para uma análise ainda preliminar e inicial do problema investigado. Ao adotar a categoria percepção, a pesquisa foi posicionada no campo epistemológico da fenomenologia. Entende-se que tal escolha é adequada, já que se busca compreender como os sujeitos professores percebem o fenômeno a partir de suas intencionalidades, como visitantes ou residentes digitais (CORNU; WHITE, 2011). A intencionalidade é “[...] puramente descritiva e uma peculiaridade íntima de algumas vivências” (TRIVIÑOS, 1987, p. 45).

A fenomenologia exalta a interpretação do mundo que surge intencionalmente à nossa consciência. Por isso, na pesquisa, se eleva o ator, com suas percepções dos fenômenos [...]. A fenomenologia, com sua ênfase no ator e na experiência pura do sujeito, realizou a desreificação do conhecimento, mas em termos de consciência, de forma subjetiva. (TRIVIÑOS, 1987, p. 47).

Com o objetivo de compreender como os professores percebem a inserção das tecnologias digitais no cotidiano escolar, realizou-se uma pesquisa exploratória via *WhatsApp*, com 55 professores que atuam no ensino fundamental de Curitiba, da iniciativa pública e privada, de diferentes instituições de ensino e que faziam parte da rede social *WhatsApp* dos pesquisadores. Das 55 mensagens enviadas, 12 professoras responderam à seguinte questão: “Atualmente, considerando todos os desafios, implicações e facilitadores a respeito do uso das tecnologias digitais, como você, professor, percebe esse processo na sua escola? Como um desafio ou confronto? Por quê?”.

As 12 respostas enviadas pelas professoras foram analisadas a fim de evidenciar a percepção dos sujeitos pesquisados. Com o intuito de preservar a identidade dos colaboradores da pesquisa as professoras serão indicadas por letras. Por exemplo: professora A será representada por PA.

AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES

Apresentamos a seguir as respostas das professoras, agrupadas de acordo com as intencionalidades no modo como manifestam suas percepções como proximidade ou es-

trançamento que indicam em relação às tecnologias digitais, categorias estas inspiradas na tipologia visitantes ou residentes digitais (CORNU; WHITE, 2011). Tomando como referência as tipologias Visitantes e Residentes digitais, organizamos as percepções das 12 professoras em dois grupos, com categorizações específicas no interior de cada grupo.

Proximidade com as tecnologias digitais

Sob esta categoria serão apresentadas as percepções das professoras que concebem a tecnologia como mediadora do processo de ensino e aprendizagem para além das atividades esporádicas realizadas por professores específicos. Percebem que os recursos tecnológicos precisam estar integrados ao projeto político pedagógico da escola, como mediação didática e pedagógica.

Na percepção da professora A as implicações a respeito da inserção das tecnologias digitais na escola é

[...] um desafio, pois os professores ainda não utilizam todos os recursos das novas tecnologias de forma sistemática para realizarem seus planejamentos. E nas salas de aula e, também, durante as diferentes práticas de ensino-aprendizagem, não se percebe muito a presença de diferentes tecnologias sendo utilizadas pelas crianças e estudantes. (PA).

A percepção da professora A evidencia que a inserção das tecnologias no cotidiano escolar é um desafio a ser enfrentado, pois ao mesmo tempo que são inegáveis os avanços no uso das tecnologias digitais de forma geral, na educação ainda não se consegue acompanhar o seu ritmo de implementação e desenvolvimento, que não faz parte da intencionalidade docente, já que não estão presentes em seus planejamentos.

A escola enfrenta um dos maiores desafios que é aliar a tecnologia às relações dos conhecimentos científicos; as didáticas e metodologias adotadas por alguns professores, na maioria das vezes, estão obsoletas e ultrapassadas. É de extrema importância a contribuição das tecnologias no âmbito escolar, porém, sabemos que no cenário educacional as atividades pedagógicas realizam poucas ações que

facilitam o estreitamento com essas tecnologias por diversos motivos. Por isso há um confronto e, também, um desafio. (PB).

Alguns professores expressaram suas angústias ao se depararem com dificuldades no uso das tecnologias com seus alunos, admitindo que precisam aprender, dominar e usar mais a tecnologia a seu favor. Eles conseguem analisar os limites para além das questões que envolvem o uso das tecnologias. Um problema de maior amplitude é a questão metodológica. O fator metodológico é o que, na origem do problema, acaba por colocar professores em confronto com o uso de tecnologias digitais.

Talvez o maior desafio seja para os adultos aprenderem, dominarem, usarem e orientarem sobre os recursos. Percebo que é mais fácil e cômodo proibir e julgar como maléfico ao invés de tentar utilizar a ferramenta. Os modelos de ensino e formação de professores têm distâncias enormes a serem percorridas para acompanhar o passo humano. Já começo a pensar se a escola (como está estruturada hoje), ajuda ou atrapalha a formação do ser humano. Talvez esteja mais a serviço de uma formatação do que uma formação. Enfim, a tecnologia é só mais uma das várias vertentes que precisam ser repensadas. (PC).

A compreensão desta professora chama atenção para dois pontos importantes no uso das tecnologias no cotidiano escolar. Primeiro indica a dificuldade que adultos têm para aprender, usar e dominar os recursos tecnológicos, indicando que há limites nos modelos de formação de professores para uso das tecnologias digitais. O segundo ponto indica algo que é bastante comum na maior parte das escolas, que é a estratégia da proibição. E aí os dois pontos se juntam, ou seja, se os adultos não sabem e não querem usar os recursos tecnológicos, vão proibir que as crianças, adolescentes e jovens os utilizem no cotidiano escolar. E, por fim, questiona o papel formador da própria escola, que não consegue apropriar-se das novas ferramentas tecnológicas, colocando-se em posição de confronto em relação a elas.

A professora D manifestou a percepção de que “[...] é um desafio que não pode gerar desconforto para o professor e nem para o aluno. Chega a ser até mesmo um desafio

pessoal para o professor, mas a tecnologia bem utilizada pode contribuir muito em sala de aula” (PD).

Na compreensão da professora D aparece a palavra desconforto. Embora não desenvolva explicitamente o que entende por desconforto, a professora relaciona nesta categoria professor e aluno. Podemos aqui entender que já existe muito desconforto no cotidiano escolar e o uso, ou não, das tecnologias digitais pode ser mais um fator gerador de desconforto, ao lado de muitos outros fatores já existentes.

“Não vejo como desafio e nem como confronto. Acho essencial para o desenvolvimento cognitivo, lógico, desperta o interesse e curiosidade do aluno, além de auxiliar em leitura e escrita. Vejo como essencial para a escola do futuro” (PH). Nesta percepção há a concepção que no processo de desenvolvimento educacional a tecnologia é um elemento mediador necessário, envolvendo os processos de ensino e aprendizagem como auxiliar, e fica implícita a concepção de que na educação os sujeitos devem ser o foco de atenção e não os recursos.

A professora I vislumbra aquilo que possivelmente já vem vivenciando em sua prática pedagógica, como por exemplo as plataformas digitais e o livro didático digital: “Na escola, já é possível perceber os benefícios da utilização da tecnologia, as plataformas digitais permitem que os alunos realizem em casa atividades relacionadas aos conteúdos trabalhados em sala. Assim, podemos perceber as dificuldades e avanços de cada educando, além do acesso ao livro digital” (PI).

“Desafio no que se refere a hábitos pré-estabelecidos e automáticos. Confronto. Quando apresentadas novas vertentes e práticas pedagógicas” (PJ). A percepção desta professora indica duas questões fundamentais a serem discutidas na formação de professores. Os hábitos pré-estabelecidos são ao mesmo tempo a tábua de salvação de muitas escolas, mas também seu calcanhar de Aquiles. Se por um lado são os hábitos estabelecidos no cotidiano escolar que possibilitam que a educação ocorra, por outro, são esses mesmos hábitos que podem inviabilizar, por exemplo, a inserção das tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem. Uma professora alfabetizadora que tem sua metodologia de ensino cristalizada em práticas pedagógicas que usam somente a letra cursiva dificilmente irá admitir a possibilidade de que a criança possa ser alfabetizada por meio de dispositivos móveis digitais.

Uma percepção interessante é a da professora F: “É um desafio a ser vencido, construído junto com quem mais entende do assunto, nossas crianças e adolescentes. Os profissionais não estão preparados para utilizar meios que os alunos compreendem mais do que eles” (PF). Ela compreende que há um grande desafio acerca do uso das tecnologias digitais no cotidiano escolar. Mas esse desafio deverá ser enfrentado em conjunto, entre professores e alunos, um grupo aprendendo com o outro.

Distanciamento das tecnologias digitais

Sob esta categoria serão apresentadas as percepções das professoras que concebem a tecnologia de forma distanciada e alheia às práticas pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem. Percebem uma oposição entre tecnologia e trabalho pedagógico. Embora compreendam a importância do uso das tecnologias digitais no cotidiano escolar não se sentem preparadas para fazê-lo. Acreditam que os alunos sabem mais do uso das tecnologias digitais que os professores. Sua percepção é que a tecnologia pode inclusive ser maléfica ao processo de aprendizagem. Acreditam que haverá um momento em que o uso das tecnologias digitais no cotidiano escolar será uma realidade, mas não agora.

“Acredito que seja um desafio, tendo em vista que necessitamos de capacitação para utilizarmos as plataformas digitais. A tecnologia está a favor daqueles que têm conhecimento e a utilizam de maneira adequada” (PL). Esta percepção indica aquilo que é um direito de todos os professores que atuam na educação básica, a formação continuada. Já é lugar comum nas pesquisas a respeito do tema mostrar a insuficiência e a descontinuidade no processo de formação de professores. Mas é preciso compreender que capacitação não é o mesmo que formação. A palavra capacitação remete a um processo pontual, no qual o docente é submetido a um curso rápido para aprender a usar um determinado recurso ou operar determinado sistema. Quando se fala em formação para uso das tecnologias digitais é preciso estabelecer um processo contínuo, em que há uma grande parcela de responsabilidade docente e autonomia para incorporar os recursos tecnológicos à sua metodologia de ensino. Também é importante ressaltar que a tecnologia em si não age a favor nem contra o trabalho docente. É a apropriação e o uso que dela se faz que podem ser adequados ou inadequados.

“A tecnologia tem muito a contribuir com nossas práticas pedagógicas, porém, ainda há resistência por parte dos profissionais, pela falta de conhecimento, falta de preparo ou até receio mesmo. Nossos alunos já nascem inseridos nesse meio tecnológico e, para eles, é mais fácil de aprender, cabe a nós orientá-los em fazer uso corretamente dessas tecnologias” (PG). Esta percepção evidencia que há uma generalizada resistência ao uso das tecnologias digitais no processo educacional, mas há uma esperança, já que os alunos, como nativos digitais (PRENSKI, 2001), são os que “nascem sabendo”, pois nasceram inseridos no meio digital. Caberia aos professores, aqueles que não sabem usar as tecnologias digitais, orientá-los para o uso correto. Está presente nesta percepção a ingênua compreensão de que o fato de saber operar algumas funções do computador ou celular é o suficiente para usar as tecnologias digitais no processo educacional. Não se aventava a possibilidade de que os professores podem trabalhar em conjunto com seus alunos, ensinando a partir de seus conhecimentos e metodologias de ensino e aprendendo com a habilidades que os alunos podem desenvolver no uso das tecnologias digitais. A tecnologia como um desafio é a percepção da professora E:

É um desafio. Por mais que a tecnologia traga facilidade para práticas, pesquisas e informações não temos como limitar o uso dela. Hoje em dia as crianças e pessoas no geral não leem muito e buscam esses mecanismos para informações que, muitas vezes, são errôneas ou além daquilo que realmente é. (PE).

Em sua percepção, a professora E qualifica o desafio, reconhecendo as facilidades e possibilidades geradas pela tecnologia, mas apontando para algo que em sua compreensão é negativo, ou seja, a impossibilidade de limitar o uso da tecnologia. E indica que um dos problemas dessa impossibilidade é que não se lê e busca-se nas tecnologias um meio para facilitar o acesso às informações, que muitas vezes, são errôneas. É como se o problema da falta de leitura por parte dos alunos fosse ocasionado pela tecnologia. Há aqui uma evidente confusão, na percepção docente, no que diz respeito ao uso mediado das tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem e o uso aleatório, sem intencionalidade pedagógica.

A professora K também compreende a tecnologia como desafio, “[...] porque o uso das tecnologias seja na sala de aula ou em casa faz parte da vida dos alunos” (PK). Ocorre que a professora não se dá conta que as tecnologias digitais estão também presentes na vida dos professores, ou seja, faz parte de sua vida cotidiana. Ela complementa: “[...] acredito que as novas tecnologias devam fazer parte do cotidiano escolar como o livro, mas isso é um desafio porque as novas tecnologias precisam oferecer condições necessárias tanto para o educador como para o aluno” (PK). A percepção da professora indica seu distanciamento das tecnologias digitais, pois ela não reconhece que o próprio livro didático já é uma tecnologia que pode tornar-se digital em formato *e-book*.

O uso das novas tecnologias digitais é um desafio para a educação visto que, embora muitos recursos tecnológicos estejam acessíveis a alunos e professores, pouco se percebe como movimento das políticas públicas da educação para integrá-los às práticas de ensino e aprendizagem no cotidiano escolar, especialmente no Ensino Fundamental I.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao defender a inserção das tecnologias digitais no cotidiano escolar não queremos supervalorizar as ferramentas em detrimento das metodologias de ensino e dos sujeitos professores. O recurso tecnológico é agente facilitador e mediador do ensino e da aprendizagem, mas o sujeito professor, bem formado, bem remunerado e com boas condições de trabalho é fator fundamental para o ensino e a aprendizagem dinâmicos, ativos e inovadores. Sempre é bom lembrar que “[...] o recurso mais importante que as escolas podem fornecer aos alunos são professores de qualidade” (HORN; STAKER, 2015, p. 223). Mas para que essa percepção seja alcançada é necessário antes de tudo a retomada da função social e cultural da escola, decorrente de um complexo contexto de mudanças. “[...] A escola, hoje, precisa ser redesenhada, e o professor precisa mudar junto com ela” (BACICH, 2015, p. 91), para constituir-se em um ambiente fértil, atrativo, motivador, inovador e desafiador. Um ambiente em que o estudante seja sujeito de suas ações e em que o professor atue como mediador, guia, agente de mudanças, mas também aprendiz.

Conforme afirmou Hagemeyer (2016, p. 85), “diante das transformações da sociedade contemporânea, geradas pela evolução científica, tecnológica e intensificadas pela

globalização econômica, a profissão docente se complexificou”. Partindo do pressuposto de que o professor é o mediador do conhecimento, faz-se necessário voltar nosso olhar para a sua formação, a fim de que sua prática pedagógica seja dialógica, tanto com os sujeitos quanto com a cultura, com a arte, com a filosofia e a ciência a fim de que possamos “[...] romper com séculos de ensino voltado para uma educação vertical, com o professor no topo da relação” (BACICH, 2015, p. 93).

Nosso desafio como docentes é não nos distanciarmos, confrontarmos ou resistirmos aos recursos tecnológicos. Precisamos nos aproximar e compreender que as novas tecnologias digitais oferecem um desafio viável, visto que a aprendizagem pode acontecer em qualquer hora e qualquer lugar e de diferentes modos. Assim, a tecnologia digital pode ser uma grande aliada no processo de ensino e aprendizagem escolar.

O desenvolvimento deste estudo proporcionou, portanto, reflexões acerca das tecnologias na educação, com a seguinte questão norteadora: como os professores percebem a inserção das tecnologias digitais no cotidiano escolar?

De acordo com a pesquisa realizada, foi possível compreender que na percepção daqueles que responderam à pergunta pelo *WhatsApp*, a inserção das tecnologias digitais no cotidiano escolar ainda é, ao mesmo tempo, um fator de aproximação e de distanciamento, e por isso, um grande desafio para os professores, visto que, embora muitos recursos dessas tecnologias estejam acessíveis aos estudantes e professores, pouco movimento se percebe para integrá-los nas práticas pedagógicas de ensino e aprendizagem no cotidiano escolar do Ensino Fundamental I.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian (org.). **Ensino híbrido**. Porto Alegre: Penso, 2015.

COLL, César; MONEREO, Carles. **Psicologia da educação virtual**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CORNU, Alison; WHITE, David. Visitantes e Residentes: uma nova tipologia para o engajamento on-line. **First Monday**. v. 16, n. 9, setembro de 2011. Disponível em: <<http://journals.uic.edu/ojs/index.php/fm/article/view/3171/3049>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

COSCARELLI, Carla Viana (org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Editorial, 2016.

DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

FAVA, Rui. **Educação 3.0**. São Paulo: Saraiva, 2014.

FEY, Ademar Felipe. **A linguagem na interação professor-aluno na era digital**. 2011. Disponível em: <<http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/>> Acesso em: 08 maio 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAGEMEYER, Regina Cely de C. (org.). **Diálogos epistemológicos e culturais**. Curitiba: W&A Editores, 2016.

HORN, Michael B.; STAKER, Heather. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

PRENSKY, Marc. Digital Natives: Digital Immigrants. On the Horizon. **MCB University Press**, vol. 09 nº 05, October, 2001. Disponível em: <http://www.moodle.univab.pt/moodle/file.php/2470/Digital_NativesDigital_Immigrants.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2012.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.